

FLUÊNCIA NA LEITURA DOS ESTUDANTES DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE RECIFE E JABOATÃO DOS GUARARAPES/PE?

Gerlangi da Conceição Silva¹

Aécia Rodrigues da Silva Clemente²

Juliana Maria Lima Coelho³

RESUMO

A necessidade em termos estudantes leitores fluentes no 2º ciclo dos anos iniciais do Ensino Fundamental nos motivou a realizar um estudo no qual pudéssemos saber como os professores que lecionam no 4º ano classificam a leitura dos seus estudantes. Nossa pesquisa teve como objetivos verificar o que as docentes relatam sobre as atividades envolvendo a leitura promovida no 4º ano do Ensino Fundamental e ainda identificar a diversidade das atividades direcionadas visando melhorar o nível de leitura dos estudantes. Para analisarmos as respostas para esses questionamentos tivemos as contribuições de Soares, Toufni, Solé e outros pesquisadores que estudaram temáticas relacionadas. Coletamos os dados e à luz dos teóricos estudados, traçamos nossa análise. Para a coleta de dados aplicamos uma entrevista com 08 professoras do 4º ano do Ensino Fundamental, sendo 04 docentes que lecionam em escolas municipais da rede de Jaboatão dos Guararapes e os outros 04 docentes ensinam em escolas da rede municipal de Recife. A partir da coleta de dados notamos que os docentes concentravam suas atividades para melhorar a fluência de seus alunos de maneira bem diversificada que iam desde a roda de conversa, leitura compartilhada até a produção de texto coletivo, isto é, havia, no discurso dos docentes uma preocupação em elevar a fluência da leitura e garantir a autonomia desses estudantes. De acordo com as professoras entrevistadas muitos alunos chegavam ao 4º ano sem a autonomia na leitura.

Palavras-chave: leitura, atividade, autonomia.

¹ Professora da Prefeitura da cidade de Jaboatão dos Guararapes. E-mail: gerlangi@yahoo.com.br

² Professora da Prefeitura da cidade de Recife. E-mail: aeciaclemente37@gmail.com

³ Professora da Prefeitura da cidade do Recife. E-mail: juelho@gmail.com

INTRODUÇÃO

Enquanto professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental surgem muitos questionamentos a partir de nossas experiências da prática pedagógica em escolas de rede municipal, dentre elas a vivência com leitura dos estudantes, uma vez que muitos deles chegam até o quinto ano do Ensino Fundamental com uma leitura realizada por meio de silabação e ainda dificuldade em reconhecer os gêneros textuais.

Na carreira profissional lecionamos em vários anos, inclusive no 4º ano, em outro momento, temos percebido muitos docentes fazendo essas observações e levantando diferentes hipóteses para esse aspecto, consideramos ser relevante nos debruçarmos a estudar para melhor compreender essa característica que cada dia se torna mais frequente no 2º ciclo dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Diante desse aspecto realizamos uma pesquisa para obtermos uma dimensão desse problema a partir do olhar dos professores que lecionam em dois municípios do estado de Pernambuco: Recife e Jaboatão dos Guararapes. Apesar de estarmos lecionando em diferentes anos do Ensino Fundamental ouvimos diferentes opiniões acerca da fluência na leitura dos estudantes e consideramos relevante conhecer e estudar sobre as opiniões dos docentes que lidam diretamente com os estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental, ano em se supõe que os alunos já tenham atingido o nível de escrita alfabético a partir da teoria psicogenética da escrita divulgada e defendida por Emília Ferreiro e Ana Teberosky no final da década de 1970.

Com base nos fatores colocados nos propusemos a conhecer os aspectos que podem interferir diretamente os aspectos mencionados.

Sabemos que há um número bastante significativo de estudantes que chegam ao 5º ano do Ensino Fundamental com bastante dificuldade em ler e produzir diferentes gêneros textuais, com isso consideramos relevante entender o que ocorre no 4º ano do Ensino Fundamental período onde muitos estudantes já estão em uma hipótese de escrita alfabética, porém não demonstram autonomia para ler e compreender os textos dos quais têm acesso.

O que vemos e observamos é uma preocupação para que os estudantes atinjam o nível de escrita alfabético, no entanto, o investimento para que o aluno possa diversificar seus conhecimentos sobre finalidade dos textos, destinatário e demais saberes necessários à compreensão relacionada a textos parece não estar bem clara.

Acreditamos que os docentes buscam investir no ensino de conteúdos, aspecto que é secundarizado devido ao enfoque dado à alfabetização no primeiro ciclo, e muitas crianças apresentam bastante dificuldade em automatizar a leitura, bem como construir autonomia necessária para ler e fazer uso da leitura de maneira a compreender o que leu e ser capaz de produzir diferentes gêneros textuais.

Em nossa pesquisa tivemos como objetivos verificar o que as docentes relatam sobre as atividades envolvendo a leitura promovida no 4º ano do Ensino Fundamental e ainda identificar a frequência e diversidade das atividades direcionadas visando melhorar o nível de leitura dos estudantes. Para obtermos respostas para esses questionamentos lemos as contribuições de Soares, Toufni, Solé e outros pesquisadores que estudaram temáticas relacionadas. Coletamos os dados e à luz dos teóricos estudados traçamos nossa análise.

DESENVOLVIMENTO

Acreditamos que para discutir leitura necessitamos, inicialmente, refletir sobre a importância da leitura na vida do indivíduo, pois, essa se constitui em um dos primeiros veículos de autonomia do sujeito, até conhecer estratégias que auxiliam o aprendiz a compreender melhor o que lê, usado para isso algumas das estratégias de leitura.

De acordo com Solé (1998) as estratégias de leitura podem ser utilizadas antes da leitura, durante e depois, com o objetivo de fazer com que o leitor tenha uma melhor compreensão do texto. Assim, muitas vezes, mesmo sem a intenção adotamos algumas posturas enquanto leitores e essas nos ajudam a entender mesmo alguns gêneros textuais que, muitas vezes não nos são familiares.

Dentre as estratégias de leitura mais conhecidas temos a antecipação, o levantamento de hipóteses e ainda a construção das inferências. O professor pode ensinar as mesmas para o estudante auxiliando assim na compreensão dos textos lidos. É válido ressaltar que as estratégias de leitura devem ser utilizadas atendendo às especificidades de cada gênero textual, uma vez que a estrutura do texto, irãõ favorece ou não o uso de uma ou outra estratégia de leitura.

Assim, entendemos que o ensino das estratégias de leitura deveria ser um dos investimentos quando se prioriza o trabalho com a leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino

Fundamental, isto é, a partir do momento que o estudante aprende e usa as estratégias de leitura, isso pode ajudá-lo a ter uma melhor fluência na leitura.

Ao pensarmos sobre alfabetização refletimos também sobre a aproximação dos dois em termos conceituais pois, conforme Tfouni (2006) a alfabetização e o letramento são processos consistentes e interligados. Assim, entendemos que concomitante ao processo de aquisição da leitura e da escrita deveria se ter também o investimento da produção de texto dos estudantes, esse fator certamente promoveria uma melhor fluência na leitura dos estudantes.

Estudiosos da linguagem defendem que a criança seja solicitada a explorar diferentes textos. Sobre isso Morais afirma:

ao lado da exploração livre de textos os mais variados, parecem muito saudável não perder de vista certos livros produzidos por escritores de literatura infantil que foram pensados para crianças em processo de aprendizagem das correspondências grafema-fonema. Se, intencionalmente, privilegiam a presença de determinadas relações entre letra e som, isso não significa que, necessariamente, não tenham qualidade literária. Ademais, eles permitem a experiência de principiante conseguir ler, sozinho, livros completos. O sentido desmotivação e prazer agregado que isso implica nos parece bastante valioso. (pág.155)

Conforme as ideias de Morais sobre a necessidade de variação de textos para leitura e escrita, entendemos que essa diversidade pode favorecer a construção para que o estudante se torne um leitor fluente. Haja vista que se o leitor consegue entender diferentes textos ele eleva o grau de letramento e consegue assim entender, produzir, ou seja, se insere nas práticas de leitura e escrita de maneira mais efetiva. O fator de termos leitores fluentes contribuiu para a mudança na maneira de considerar o acesso a leitura e a escrita. De acordo com Soares (2004) a alteração no critério utilizado pelo Censo para verificar o número de analfabetos e alfabetizados que antes estava restrita a escrita do nome agora temos a produção e leitura de um bilhete simples, isto é, o que antes estava restrito a assinatura atualmente a condição de alfabetizado passou a atender critérios mais específicos.

Como sabemos que a escola é a instituição responsável pelo acesso à escrita, refletimos sobre a participação dela nessa aquisição e trazemos a contribuição de Goulart quando a mesma afirma: (2010) “Escolarizar a cultura escrita é contextualizá-la para fins formais e ensinar e aprender, que caminhos tomar nesse momento para ensinar a ler e a escrever? (Pág. 445)

Associado ao investimento da escola no ensino da leitura e escrita, entendemos que o trabalho com os diferentes gêneros deve se fazer presente, nesse sentido Scheuwly reforça: “Na sua missão de ensinar os alunos a escrever, a ler, a falar, a escola, forçosamente, sempre trabalhou com gêneros, pois toda forma de comunicação -portanto, também aquela centrada na aprendizagem – cristaliza-se em formas de aprendizagem específicas”. (Pág.65)

Assim, sabemos que naturalmente cada pessoa tem um tempo para aprender, de acordo com Soares tem um tempo para aprender a ler e a escrever. Para Soares (2018) o aprendizado da escrita remete a compreensão sobre o que a escrita nota. Logo, esse aprendizado tem uma relação com a aquisição da escrita e esse aspecto interfere diretamente na aquisição da fluência na leitura.

Compreendemos que os aspectos citados, ou seja, o trabalho com diferentes gêneros textuais, intensificação da escrita no ambiente escolar e fora dele, são relevantes para o processo de construção da fluência na leitura, entendendo que tais fatores ajudam a direcionar como deve ser realizado os encaminhamentos docentes a fim de melhorar o nível de leitura de seus estudantes e é com essa ideia que analisamos as falas das docentes pesquisadas referentes à leitura e a escrita.

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa na qual coletamos os dados por meio de entrevista na qual 08 (oito) professores participaram apresentando a opinião acerca do tema.

A escolha dos municípios envolvidos ocorreu devido ao fato de nós atuarmos como professoras no município de Recife e Jaboatão dos Guararapes -PE, o que nos garante a facilidade de acesso e ainda por vivenciarmos as características citadas.

Aplicamos a entrevista com as professoras e apresentamos nossa análise com base nas colocações das docentes à luz das discussões sobre leitura de Solé, Martins e demais estudiosos.

As professoras, sujeitos de nossa pesquisa possuem graduação em Pedagogia e pós graduação em áreas relacionadas a Educação Especial. Para detalhar a formação das professoras, guardaremos a identidade das docentes e iremos nos referir às docentes que lecionam na rede municipal de Recife P 01 até P 04 para se referir as professoras que lecionam em escolas da rede municipal de Jaboatão dos Guararapes P05 a P 08.

Todas as professoras pesquisadas possuem formação em Pedagogia em diferentes instituições localizadas no estado de Pernambuco, bem como possuem pós-graduação na área de educação. No que concerne ao tempo de experiência em sala de aula, tivemos uma predominância de professoras experientes, pois entrevistamos desde profissionais com 10 anos de sala de aula até mesmo professoras com mais de 30 anos na docência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aplicamos a entrevista, conforme descrito na metodologia com professoras que ensinam em escolas da prefeitura do Recife e em Jaboatão dos Guararapes. Colocamos os questionamentos e registramos as respostas das docentes. Ao perguntarmos sobre o conceito de leitura, obtivemos a seguinte resposta da docente 5.

A leitura é um ato de compreensão de algo que está escrito. Não apenas decodificar letras e sons, mas compreender o que está escrito.

Observamos desde colocações mais completas no que concerne ao entendimento do que é leitura até ideias relacionadas a leitura como sendo a decodificação. Conforme fala da professora 08:

Leitura é a capacidade que o indivíduo tem de decodificar símbolos, no nosso caso decodificar o alfabeto, decodificar a junção das vogais com as consoantes, decodificar o que previamente foi codificado. Então o ler, é basicamente isso.

Identificamos uma concepção mais abrangente exposta na fala da professora 05 e outra mais restrita. Essa última relacionada a concepção mais mecânica de leitura apresentada no debate de Martins (1988) sobre as diferentes concepções do que seja a leitura. Na concepção de que leitura consiste em uma atividade mais mecânica a leitura estaria restrita à decodificação. Já em uma perspectiva de leitura sociointeracionista a leitura promoveria um aspecto mais interativo.

Ao perguntarmos sobre como a professora classifica o conhecimento dos estudantes sobre a leitura no início do ano a professora colocou o seguinte aspecto:

Geralmente eles chegam com a leitura bem defasada, não tem esse hábito de ler. As vezes é difícil despertar o gosto pela leitura, mas aos poucos vão apresentando melhor resultado.

Entendemos que o fato de muitos estudantes estarem recém alfabetizados ainda predomina a leitura silabando, na qual o estudante ainda não consegue atingir a interpretação de maneira mais efetiva e por isso ainda precisa do auxílio do docente para compreender o que está escrito.

Quando questionada sobre quais são as atividades propostas para os estudantes a docente 05 respondeu:

Sempre peço para lerem, ou um texto, ou a própria atividade. Quando não compreendem o que leram (quase sempre), questiono instigando eles a relerem a atividade.

Notamos que há desde a tentativa em levar o aluno a compreender algo por meio da releitura de trechos do texto não compreendidos pelo estudante, até os momentos em que há investimento na leitura de textos do universo e do interesse infantil, como oferecendo uma maior oportunidade de compreensão.

No momento em que perguntamos no que concerne à leitura, o que os docentes consideram essencial que os alunos aprendam no 4º ano, verificamos que uma docente, a professora 06 expressou sua opinião de forma bem enfática “aprender a ler”, outras como a professora 05 afirmou que esperava que seus alunos “aprendesse a compreender o que lê, interpretando a contento a sua leitura” ainda obtivemos respostas mais amplas, trazendo alguns gêneros textuais como objetivos do aprendizado:

Textos comumente a gente trabalha no ciclo de alfabetização parlenda, poemas, receitas culinária, eu acho que textos mais próximos a ele, ou da realidade da gente professor dos anos iniciais que são aqueles textos mais simples textos que eles consigam compreender, não textos longos, acho que o poema é uma boa pedida por conta das rimas, as parlendas, a receita culinária,, trabalhamos muito texto coletivo, na parte de produção, mas na parte de avaliação eu acho que seria mais esses gêneros textuais fábula, conto, poemas, parlendas...eu acho que por aí...

Consideramos uma reflexão muito apropriada a qual a professora expressou quando questionada sobre se a mesma acreditava que havia diferença entre ler e interpretar.

Não. Acredito que a leitura está atrelada a interpretação e vice versa. Uma leitura sem interpretação, sem compreensão é apenas uma decodificação de palavras.

Para identificarmos quais metas os professores estabelecem, nós perguntamos quais são os gêneros textuais que o professor considera que o estudante deve conhecer, ler e produzir nesse 4º ano.

Para mim são textos básicos, fundamentais como bilhetes, textos informativos, narrativos, cartazes, histórias em quadrinhos.

Para saberem termos de quantitativos de estudantes que conseguem relatar o que leem hoje na sala de aula das docentes pesquisadas, apresentaram:

Sujeitos entrevistados Recife PE	Porcentagem- alunos que relatam, leem e escrevem gêneros textuais trabalhados.
Professor 5	20%
Professor 6	15%
Professor 7	30%
Professor 8	85%

Buscamos saber ainda, em termos de procedimentos o que a professora pretendia fazer para que os estudantes superassem as dificuldades apresentadas, em relação a isso obtivemos as mais diferentes respostas, a professora 05 colocou:

Continuar lendo e trabalhando com eles a importância disso. Enfatizar a leitura em todas as disciplinas, como já fazemos reforçando atividades de leitura e escrita, produção textual e interpretação de textos.

Já a professora 06 relatou que investiria em um trabalho contemplando também aspectos da oralidade, conforme colocação abaixo:

Rodas de leituras, jogos com palavras difíceis encontradas no texto lido, para que os estudantes saibam que palavras e o significado da leitura com o caça palavras oferecer a leitura individual e pedir para o aluno apresentar o livro que leu pode-se fazer um jogo para que o aluno venda o livro, jogos com caixinha da leitura, peças sobre alguns livros lidos em sala de aula, leitura de receita, mural de texto que os alunos tragam de casa os textos para que possamos apresentar para que ele se torne um bom leitor.

O fato de pensar que o desenvolvimento da oralidade pode estar atrelado à melhoria da leitura consiste numa ideia bastante disseminada. No entanto, uma pesquisa longitudinal de Vrain-Thoreson e Dale (1992) apud Soares (2018) mostrou que crianças com um desenvolvimento linguístico precoce, ou seja, com a linguagem oral superior à expectativa para a idade, não demonstrou tal desempenho mais tarde no processo de aquisição da leitura e escrita.

Identificamos também um trabalho de leitura muito atrelado à decodificação como sendo um fator que produziria uma fluência, usando para isso atividades que ainda focam na escrita e na preocupação com as convenções da escrita, conforme defende a professora 06:

“Leitura de texto diariamente, ditado.”

Sobre essa colocação a professora 08 também reforça as rodas de conversa como sendo um aspecto que vai favorecer a compreensão da escrita e da autonomia da leitura.

A principal dificuldade que eu tenho hoje com meus estudantes é a questão da interpretação, interpretar e escrever..então a apropriação da escrita que a gente já vem trabalhando desde os resultados do 1º bimestre, que eu venho intensificando o trabalho com eles, vez ou outra uma atividade diversificada que vise a apropriação do sistema escrito, as leituras que a gente faz compartilhada eu acho muito importante também, as rodas de conversa os momentos de conversa, os de discussão de algum conteúdo porque isso também vai refletir na escrita..então eu acho que mais ou menos por ai...é trabalhar quando se dá atividades diferenciadas no dia a dia dá mais

atenção e apoio a essas estudantes com mais dificuldades na realização de suas atividades.

Ainda em relação a pergunta: O que é leitura para você, é importante destacar que as respostas das professoras foram bem diferentes, visto que existem vários conceitos de leitura. A resposta mais pertinente no contexto desse trabalho foi a seguinte:

Professora 3 “Leitura é quando o aluno consegue decodificar a escrita, ele lê e compreende aquilo que lê. Não basta só ele ler por ler. Tem que compreender o que lê. Há todo esse processo da escrita – leitura e da compreensão.”

Outra questão pertinente ao objetivo do trabalho é: como você classifica o conhecimento dos seus estudantes no que se refere a leitura no início do ano? Todas as docentes participantes do estudo responderam que a maioria dos alunos da sala lê, porém leitura com pausa seja nas palavras e até nas sílabas. É interessante destacar que apenas um dos sujeitos entrevistados, destacou algo imprescindível ao objetivo desse trabalho, a questão da fluência.

Professora 3 “A maioria dos alunos chegam assim, lendo textos, mas com pausa são poucos que leem com fluência.”

No que diz respeito a quais gêneros textuais o professor considera que o estudante necessite reconhecer, ler e produzir até o final do 4º ano, destacamos as seguintes respostas:

Professor 1 “Para mim, são contos e poemas, para mim esses são essenciais.”

Professora 2 [...] as fábulas, as poesias, e as notícias não podem faltar jamais, porque esse tipo de texto traz coisas do dia a dia dos alunos.

Professora 3 É necessário que eles tenham contato com os mais diversos possíveis. Quanto a ser capaz de reconhecer, interpretar e produzir vai depender da capacidade de leitura e maturidade da criança, do meio que vive, da realidade social.

Já na questão quantos alunos conseguem ler, relatar e até escrever os gêneros textuais trabalhados, podemos perceber ao analisar a tabela que são poucos os alunos que conseguem realizar as competências propostas para o 4º ano em relação a leitura e a escrita. É importante salientar que as turmas tem de 26 a 30 alunos.

Sujeitos entrevistados Jaboatão dos Guararapes PE	Porcentagem- alunos que relatam, leem e escrevem gêneros textuais trabalhados.
--	---

Professor 1	25%
Professor 2	60%
Professor 3	25%
Professor 4	60%

Em relação a questão: No 3ºano do Ensino Fundamental muitos estudantes são reprovados porque o professor considera que ele não saiba ler, qual gênero textual você utilizaria para avaliar o conhecimento de leitura do seu aluno?

Os sujeitos entrevistados tiveram respostas bem diversificadas, como podemos observar:

Professora 1 Vários, não é? tem gêneros familiares. Receita, leitura de jornal também, porque ali tem muita coisa[...]

Professora 2 É a poesia e os verbetes, trabalhar em cima de verbetes. Sim a poesia tem a ver com o cotidiano deles, pode trabalhar a regionalidade de cada estado[...]

Professora 3 Utilizaria leituras em quadrinhos. Porque ajudaria ele com as figuras, que é bem melhor para ele lê com figuras. Eu gosto de realizar leitura com figuras. Avaliar o aluno com texto com figuras.

Professora 4 utilizo HQ's, tirinhas, receitas, bilhetes, dentre outros gêneros presentes no cotidiano dos alunos.

É notório que os sujeitos entrevistados reconhecem a importância de realizar a avaliação no que diz respeito, a se o discente está alfabetizado com pequenos textos e principalmente com os gêneros textuais que fazem parte do cotidiano deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os dados de nossa pesquisa, percebemos como o docente ainda está atrelado a discussões que associam o desenvolvimento da oralidade como sendo um aspecto que favorece diretamente a fluência na leitura assim como exercícios que envolvem a convenção ortográfica e a avaliação da decodificação do estudante como sendo elementos que ajudarão o mesmo a melhorar a sua fluência na leitura.

O que parece ter sido evidenciado nos dados os quais foram revelados na entrevista com nossos sujeitos é que o professor de 4º ano do Ensino Fundamental considera a leitura do estudante tão primária que investe na decodificação parecendo restringir a fluência na leitura à decodificação.

Um aspecto que nos chamou atenção diz respeito aos gêneros textuais que os docentes elegem como sendo indispensáveis aos estudantes lerem, interpretarem e produzirem até o final do 4º ano, são textos com variadas finalidades e destinatários bem diversos que vão desde uma tipologia mais informativa (notícia) até os narrativos (contos, fábulas), isto é, em relação ao investimento nos gêneros textuais parece ser efetiva a preocupação dos docentes em garantir uma autonomia na leitura e produção daqueles tentos mais usados diariamente.

Destacamos um fator que pode ser alvo em nossas futuras pesquisas que seria contemplado por meio de um estudo longitudinal para acompanhar e verificar se de fato o investimento em rodas de conversa, leitura compartilhada, produção de texto coletivo com frequência são propostas que podem efetivar a melhoria na fluência da leitura dos estudantes do 4º ano de escolas da rede municipal de Jaboatão dos Guararapes e Recife/PE.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Gilcinei Teodoro e MARINHO, Marildes. **Cultura escrita e escola: Letrar alfabetizando**. Orgs. GOULART, Cecília. In: Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DOLZ, Joaquim e SCHNEUWLY Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas SP, Mercado das Letras, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** Editora brasiliense – coleção Primeiros Passos. São Paulo, SP, 1988.

MORAIS, Artur. **Sistema de escrita Alfabética**. Coleção Como eu ensino. São Paulo, Editora melhoramentos 2012.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de Leitura. ICE de la Universitat de Barcelona, Editorial Graó, de Serveis pedagògics, 1996.

SOARES, Magda. **Alfabetização a questão dos métodos.** 1º edição. São Paulo, contexto, 2018.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Escrita: Alfabetização e letramento.** 8º edição. 47 questões de nossa época. São Paulo, 2006. Editora Cortez.